SEMPRE PRONTO

PORTE PAGO

ANO XXXIX
Número 448
28 Fevereiro
1983

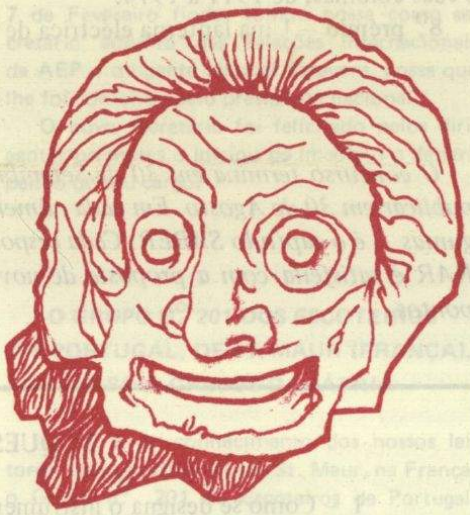
Mensário — Órgão oficial da Associação dos Escoteiros de Portugal
Rua Saraiva de Carvalho, 97 — 1200 LISBOA

Avulso: 20$00

CARNAVAL:
UM FILÃO PARA OS PSICANALISTAS

pelo Dr. David Freire

A época é a da "despedida da carne". Carne, adeus! Com o tempo, com o processar implacável da história do Ocidente, os velhos rituais, costumes e tabus impostos a uma sociedade poderosamente dominada pela Igreja Católica, perderam grande parte do seu sentido. O Carnaval foi (e é) *catarse colectiva*, quer dizer, situação privilegiada para descarga de energias vitais — negativas? — que os homens e mulheres *recalcaram*. Mais claramente, e dirigindo-nos àqueles que pouco conhecem de estudos "freudianos" ou "junguianos", as pessoas, em conjunto, exprimem nas *carnavaladas* o seu eu profundo e inconsciente, a terrível (e louca) camada do seu ser que a educação cívica moral e religiosa reprime ou domina no dia-a-dia. A *selva*, ainda que de maneiras relativamente inocentes e infantis, "regressa" durante as festas carnavalescas. Há toda uma "licença", uma LICENCIOSIDADE (no chamado Entrudo a sério...) que faz *explodir*, talvez de modo pouco eficaz, o desejo oculto, a realidade instintiva livre que a educação *domesticou*. No período imediatamente anterior às austeridades da Quaresma, a Igreja suporta, "atura" — não se pode afirmar com seriedade que sustenta — as folias do Carnaval. A atitude é porventura milenária. Tradicional também. Hoje, no entanto, a contra-partida dos jejuns da *carne*, no sentido penitencial pleno, com o corpo na sua polivalência "pecaminosa" a ser castigado ou disciplinado durante a Quaresma, desvaneceu-se. A velha dialéctica pecado-penitência, deboche-contrição, faz positivamente



sorrir os cristãos (?) de hoje. A militância religiosa, o ardor espiritualista e as vocações sacerdotais e monásticas não desapareceram, como todos sabemos. Mas aquela velha multidão de crentes que, numa atitude de auto-indulgência, *se despedia da carne* antes dos arrependimentos pré-pascais... deixou de existir, pelo menos como multidão que depois do Carnaval SE ARREPENDE MESMO.

A catarse parece ter deixado de ser catarse no sentido religioso do termo; já não é um conjunto de pecados ou pecadilhos de despedida só porque a seguir a época será a da falta de pratos *de carne* e a de penúria de gozos *com a carne*.

Contudo (e aqui entra a Psicanálise em força) as gentes da nossa velha Europa e da América do Sul, e os anglo-saxónicos com a sua "noite das bruxas" (Halloween) persistem nos festejos carnavalescos. Trata-se de uma época de rigorosa e radical afirmação do *inconsciente colectivo* (Jung mostrou bem a força dessa espécie de "infra-eu" de todos nós) que se encontra hoje praticamente esvaziado de intenções ou conotações religiosas. O velho conceito de "carne" foi a sepultar — feliz ou infelizmente? — com uma consciência de pecado que o mundo contemporâneo tecnicamente ou apocalipticamente foi diluindo... Mas a necessidade de manter o valor imenso das *carnavaladas*, que são, como todos sabemos, não o afivelar da máscara, mas *o fazer cair da máscara*, aponta-nos um "lugar" privilegiado para estudos psicanalíticos. Somos *feitos* por uma cultura e por uma civilização, "trabalhados" por valores, por princípios e por ideias. Mas o gozo bruto de um animal apenas adormecido, a emergência do "louco" que há em nós (Jean Delay) reclamam os seus direitos. Uma vez por ano, pelo menos, é a própria sociedade — não já a Igreja — que se sente forçada a consentir nas *descargas* (catarse ou catarsis) da energia da besta. É clinicamente, psicanaliticamente, que o Carnaval deve ser estudado. E é importante reflectir sobre nós mesmos. O velho "conhece-te a ti próprio", emblema do templo de Delfos e de Sócrates, nunca perderá actualidade em termos de cultura. Carnaval! Que filão para os especialistas da análise do eu individual! E do "eu" colectivo!

David Freire

ADMINISTRAÇÃO

Durante o último mês, os seguintes assinantes remeteram-nos o valor das suas assinaturas, o que muito agradecemos:

ASSINANTES PATROCINADORES

Claudio Merelo (1982)	200$00
Francisco A. C. Oliveira (1982)	250$00
Paulo Maurício	300$00
Eng. Manuel Lopes Peixoto	300$00
Grupo nº 103 da AEP (1982/83)	600$00
Amílcar Santos Fernandes	500$00
Joaquim Tavares de Oliveira	400$00
Arq. Rui Horácio F. Macedo (1982)	250$00
Grupo nº 16 da AEP (1982/82)	500$00
Joaquim A. G. Lourenço (1982/83)	500$00
Padre Américo Ferreira Alves	300$00
Dr. Ernesto Moreira	500$00

OUTROS ASSINANTES

Rui Carlos Constante (1982)	180$00
Alfredo da Silva Leote (1981/82)	350$00
Camilo José Nogueira (1982)	180$00
David Monteiro dos Santos (1982)	180$00
Arnaldo Pinto	250$00
Daniel Soares dos Santos	250$00
Jaime Silva	250$00
D. Margarida N. R. Trigueiros	280$00
Manuel José Martins	250$00
José Filipe	250$00
Alberto Pinto Saraiva (1982)	180$00
Paulo Jorge B. Silva (1982)	180$00
Agrupamento 119 do CNE (1982)	180$00
Fernando Oliveira Figueiredo (1982)	150$00
Grupo 4 da AEP (1982)	150$00
Maria do Céu Lima Raposo (1981/82)	330$00
Domingos Agostinho F. Silva	250$00
Fernando Alberto T. Rodrigues	250$00
Luís Mário Saraiva	250$00
Ernesto Bernardino Rôla	250$00

SEMPRE PRONTO

Agraciado com o Lis de Prata da Associação dos Escoteiros de Portugal

PROPRIEDADE:
Aliança Nacional das ACM de Portugal
Reconhecida de Utilidade Pública

DIRECTOR: Eduardo Ribeiro
DIRECTOR ADJUNTO: Joel Ribeiro
ADMINISTRADOR: J. E. Pena Ribeiro
COLABORADOR: Capitolino Ferreira Macedo
COORDENAÇÃO GRÁFICA: Carlos Martins

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
R. Saraiva de Carvalho, 97 – 1200 Lisboa
Telef. 60 37 34 - 603778 - 603689
Teleg. YMCAPORT – Telex 18539

FUNDADO EM 1 DE JANEIRO DE 1945
Assinatura anual: Esc.: 250$00
Despesa de cobrança: + 50$00
Espanha e países de África de expressão portuguesa: Esc. 300$00
Outros países: Esc. 450$00

"CONCURSO"

SABER E COOPERAR

"Sempre Pronto" oferece aos seus leitores a oportunidade de participar num interessante jogo sobre o tema "Saber e Cooperar", proporcionando ainda os seguintes úteis e valiosos prémios:

PRÉMIOS

1º prémio – Uma máquina fotográfica, "INSTANT CAMERA" – Cores, conforme gravura. (A disputar entre todos os Concorrentes que tenham um mínimo de 110 pontos.)

2º prémio – Um exemplar da excelente obra "Viagens sem Fronteiras" edição das Selecções. (A disputar entre todos os Concorrentes que tenham um mínimo de 90 pontos).

2º prémio (para senhoras) – Um secador de cabelo marca "CONCORDE". (A disputar nas condições anteriores).

Cinco prémios 3º a 7º – Exemplares da obra "História dos Escoteiros de Portugal", de Eduardo Ribeiro, uma evocação dos êxitos e vicissitudes do Escotismo em Portugal e suas colónias, de 1911 a 1974.

8º prémio – Uma lanterna eléctrica de bolso marca "MEYER".

O concurso termina em 30 de Setembro de 1983, com base no último questionário a publicar em 30 de Agosto. Em cada número publicaremos um questionário com três perguntas – é o capítulo SABER. Cada resposta certa marca cinco pontos. A parte COOPERAR é satisfeita com a proposta de novos assinantes. Por cada nova assinatura – dez pontos.

2º QUESTIONÁRIO

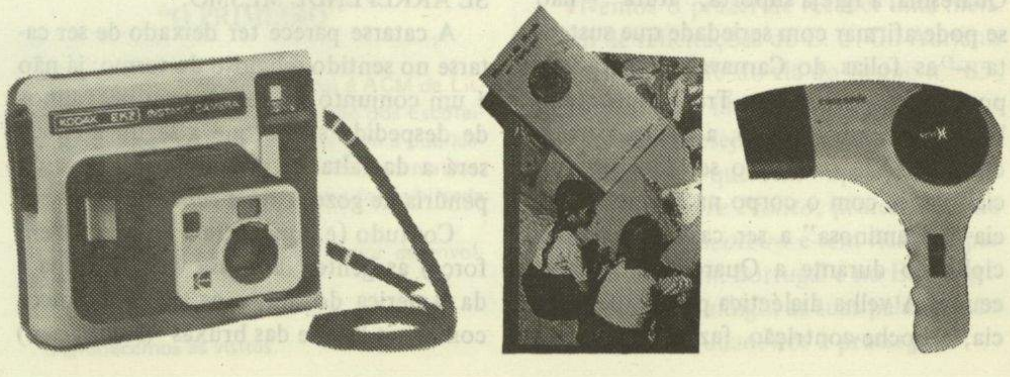
1 – Como se designa o instrumento que mede a pressão atmosférica?

2 – Como nos podemos orientar pelos formigueiros?

3 – Em que ano se realizou o primeiro Jambori Mundial?

N. B. – As respostas a este questionário devem estar na Redacção até 15 de Abril de 1983, data do carimbo do correio.

MARCA A TUA PRESENÇA! CONCORRE! VENCE!



SEMINÁRIO DO ESCOTISMO EUROPEU SOBRE PRÉ-ADOLESCÊNCIA

Conforme referimos no último número, de 16 a 21 de Janeiro passado, efectuou-se em Colares este Seminário, numa realização das comissões europeias de Guidismo e Escotismo em colaboração com as associações das Guias de Portugal, Escoteiros de Portugal e Corpo Nacional de Escutas. Estiveram presentes representações das associações guidistas e escoteiras da Áustria, Bélgica, Dinamarca, França, Alemanha, Itália, Holanda, Noruega, Portugal, Espanha, Irlanda, Suécia e Reino Unido, no total de 40 dirigentes.

OS OBJECTIVOS DO SEMINÁRIO

a) Fornecer aos chefes de unidade e comissários (chefes regionais) uma oportunidade para reflectir sobre a unidade e actualidade do Movimento e continuidade na educação através das várias secções.

b) Ajudar as Associações a levarem a bom termo os princípios do Escotismo/Guidismo, trabalhando para uma melhor integração dos adolescentes no Movimento.

c) Definir as razões porque alguns jovens aderem ao Movimento Escotista/Guidista com a idade de 11-13 anos, mas outros abandonam a organização com esta idade.

d) Traçar linhas de orientação:
- para ajudar as associações a conservarem os seus jovens na transição entre grupos etários.
- para conferir a ideia de uma continuidade de métodos educativos através de programas de formação.

ASSUNTOS PARA DISCUSSÃO

– Porque há uma tão grande perda de membros na transição entre os 10-12 anos e a secção seguinte?

– Como poderemos continuar a interessar as crianças com mais de 12 anos no Escotismo/Guidismo?

– De que forma poderemos atrair jovens entre os 11-13 anos a aderir ao Escotismo/Guidismo?

– Como poderemos introduzir continuidade nos programas pedagógicos das secções?

Foram muito úteis o estudo e discussão dos temas propostos e interessante será que as conclusões obtidas tenham a maior divulgação entre os dirigentes das Divisões Lobito e Escoteira.



ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

SECRETÁRIO ADJUNTO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Após a reunião da Direcção Nacional de 7 de Fevereiro findo, tomou posse como secretário adjunto das relações internacionais da AEP o dirigente Manuel Estevens, posse que lhe foi conferida pelo presidente nacional.

O novo secretário foi felicitado pelos dirigentes presentes e iniciou de imediato o desempenho do seu cargo.

O GRUPO Nº 201 DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL, DE ST. MAUR (FRANÇA), APOIA GRUPOS DA PÁTRIA

Como é do conhecimento dos nossos leitores, está constituído em St. Maur, na França, o Grupo nº 201 de Escoteiros de Portugal, formado por filhos de imigrantes. Esta unidade, que se encontra muito activa e florescente, acaba de manifestar a sua solidariedade para com o Grupo nº 93, de Sintra, que, como noticiámos, foi vítima de um assalto e roubo no ano passado.

Embora o Grupo nº 93 não tenha feito qualquer apelo, o nº 201, de França, quis expressar a sua solidariedade entregando à direcção dos Escoteiros de Portugal o equivalente a Esc. – 11 838$00 para apoiar os companheiros de Sintra, valor que já foi entregue ao grupo destinatário.

Como o "201" enviou uma verba igual para que a Direcção empregasse noutro objectivo escoteiro, esta resolveu arredondar aquele valor para vinte mil escudos e entregar ao Grupo nº 88, para as obras de construção da sua sede.

A unidade dos Escoteiros de Portugal que tem a sua sede na Damaia, povoação muito próxima de Lisboa, do concelho da Amadora, tem realizado uma obra notável. Aproveitando um terreno que lhe foi entregue pelo Município, os escoteiros investiram ali os seus fundos e construíram o edifício com as suas mãos. "Sempre Pronto" espera poder oferecer imagens da obra realizada na Damaia.

A CIDADE DE BARCELOS INAUGUROU UM GRUPO DE ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Em 12 e 13 de Fevereiro findo, a cidade de Barcelos esteve em festa para inaugurar o Grupo nº 76 dos Escoteiros de Portugal. Para participar nas comemorações, deslocaram-se a Barcelos os srs. J. E. Pena Ribeiro, Arnaldo Eduardo Couto e dr. Fernando Brás Mateus, respectivamente presidente nacional, chefe regional do Norte e chefe do núcleo de Braga.

No primeiro dia, realizou-se uma visita à sede do Grupo, que ocupa um edifício de três andares, cujas instalações estão a ser recuperadas pelos membros do grupo, que se ocupam activamente nos trabalhos de pintura e decoração.

À noite, efectuou-se um jantar em que participaram além, dos dirigentes já mencionados, o prior da Igreja Matriz, delegado da Cruz Vermelha Portuguesa; coronel José Ogando, presidente do Grupo 57, de Braga; direcção e chefia do novo grupo de escoteiros.

No domingo, os escoteiros concentraram-se no Jardim da Feira, de onde desfilaram até à Câmara Municipal, onde eram aguardados pelo seu presidente e vereação. Participaram os companheiros escutas da cidade, cuja fanfarra abriu o desfile. Os escoteiros formaram junto ao edifício, onde se realizou a cerimónia do içar das bandeiras.

Na Igreja Matriz, durante a celebração da missa, o Presidente Nacional tomou o compromisso de honra dos membros da direcção do Grupo nº 67, enquanto o Escoteiro-Chefe Regional tomava o mesmo compromisso a novos escoteiros, caminheiros e membros da chefia.

Na eloquente homilia que proferiu, o Prior congratulou-se pela presença de tão elevado número de jovens escoteiros, exortando os Escoteiros de Portugal ao cumprimento da promessa e da lei, sublinhando a responsabilidade para com Deus e a Pátria.

O E. C. Arnaldo Couto chamou a atenção dos novos Escoteiros de Portugal para a responsabilidade do acto que acabavam de praticar, fazendo votos para que o mesmo tenha um efectivo reflexo nas suas vidas. Assistiram ao acto o Presidente da Câmara, Comandante Militar e o Escuta-Chefe Regional do C. N. E.

* * *

PERSPECTIVAS DO PRESIDENTE

OS ADULTOS NO MOVIMENTO ESCOTISTA

Se o Escotismo é um Movimento de jovens, será que os adultos fazem falta nele?

Desde o aparecimento do Escotismo que os adultos estão enquadrados aos diversos níveis do Escotismo e são considerados imprescindíveis à sua prática. Eles têm tarefas diferenciadas, mas podemos distingui-los essencialmente em dois grandes grupos: os que são responsáveis pelo programa, que têm a nobre missão do educar pelo exemplo e pela acção e se situam mais directamente ligados aos jovens. Um outro tipo, os que têm a função de coordenar administrativamente o Escotismo, proporcionando os meios para que os primeiros possam exercer a sua tarefa educativa. Por outras palavras, podemos dizer que ao primeiro grupo pertencem as funções do Escoteiro-Chefe e, ao segundo, as funções do Director.

Estas duas missões são muito importantes e completam-se. Não devem existir uma sem a outra.

Por vezes, dentro da nossa Associação, as funções de director não têm sido devidamente desempenhadas, obrigando a um esforço adicional do escoteiro-chefe. Estes casos são mais flagrantes a nível do grupo de escoteiros, cujas direcções são interpretadas como uma obrigação estatutária. As direcções dos grupos deverão ser constituídas por elementos representativos da comunidade onde o grupo está inserido.

O escoteiro-chefe, como elemento "charneira" no grupo, deverá ter o cuidado de não fazer eclipsar o Director, ficando este esvaziado da sua função.

Existe também a tendência de seleccionar as pessoas mais acessíveis à aceitação dos cargos directivos e não as que pelas suas características mais interessavam ao Movimento. Quando analisamos composições das direcções dos grupos, acontece muitas vezes que elas aparecem com muitos elementos familiares do escoteiro-chefe. Temos todos de fazer um esforço para corrigir esta situação, sensibilizando os dois tipos de dirigentes a ter maior participação na vida associativa para que todos cumpram as missões para que foram nomeados e livremente aceitaram.

O actual POR, embora de uma forma tímida ou incompleta, definiu as funções da direcção do grupo de escoteiros. Cremos que na revisão futura do POR este aspecto deverá merecer maior clareza.

Há quem distinga o escoteiro-chefe do director pela circunstância de um utilizar uniforme e o outro não. Talvez esta afirmação seja demasiadamente simplista, mas levanta uma questão importante, a utilização do uniforme. O POR somente permite o uso do uniforme em adultos a Directores Nacionais e a Escoteiros-Chefes. Ficaram excluídos todos aqueles que não pertençam a estas duas categorias de dirigentes.

O escoteiro-chefe não se reconhece unicamente pelas travincas que usa no uniforme. Ele é o responsável pelo desenvolvimento equilibrado dos jovens, que directa ou indirectamente a ele se reportam na hierarquia associativa. A selecção do escoteiro-chefe é de grande responsabilidade e ele terá de ser principalmente educador. Se o adulto não tiver conhecimentos pedagógicos, comportamento e apresentação exemplar, não pode ser escoteiro-chefe. Ele tem que personificar a Promessa e a Lei. Poderá eventualmente ter conhecimentos reduzidos das técnicas escotistas o que não poderá ignorar é o conceito pedagógico da criança e do jovem. A falta de conhecimentos das técnicas escotistas poderá ser ultrapassada com a frequência de cursos para escoteiro-chefe.

Esta missão de dirigente escotista obriga-nos a ter, tanto na vida privada como na profissional, um lugar de relativo destaque, reconhecido como pessoa idónea, numa palavra, escoteiro.

O escoteiro-chefe apresenta-se devidamente uniformizado, com aspecto digno e de forma que a sua presença seja benquista.

O perfil do director é bastante semelhante ao do escoteiro-chefe no que toca à sua integridade moral. Tem de ser seleccionado não pelos seus conhecimentos pedagógicos, mas pelas suas capacidades administrativas ou pela sua influência junto da Comunidade.

O desenvolvimento que tem tido a nossa Associação, com o notório aumento de número de unidades e de efectivos, obriga implicitamente a recrutar um maior número de adultos.

Dentro das comunidades, onde os novos grupos de escoteiros vão sendo criados, existem sempre pessoas qualificadas, disponíveis e dispostas a dar a sua colaboração em prol da Juventude e do Escotismo. Temos que utilizar essa potencialidade convenientemente, procurando trazer para o Movimento elementos com maior capacidade evitando aqueles que pretendam dar a sua colaboração "in nomine"



Há também que distribuir as missões por cada elemento em função das características, das suas capacidades e aptidões.

Mas temos de ter o máximo cuidado em não deixar introduzir no Movimento elementos que possam prejudicar a sua imagem. O Escotismo tem de manter bem alto o seu padrão moral. Todos aqueles cujas normas de conduta não estejam consentâneas com a Lei e a Promessa e duma forma geral com a Sociedade, temos de ser firmes na sua rejeição. Não podemos transigir, ignorar ou encobrir e os factos imperativos da sua escolha deverão ficar devidamente registados, para que futuramente não possam existir dúvidas.

O Escotismo é um movimento essencialmente voluntário, em que os seus membros adultos oferecem o seu tempo, os seus conhecimentos e as suas aptidões graciosamente. Os que foram escolhidos para uma missão dentro do Escotismo são merecedores do nosso respeito e gratidão.

ACIONAL

Há necessidade de que as diferentes missões sejam equitativamente distribuídas pelos diferentes directores, não sobrecarregando uma mesma pessoa com múltiplas funções. É sempre preferível muitos a fazerem pouco cada um, que poucos a fazerem muito. Em funções administrativas, a distribuição das diferentes tarefas torna-se mais fácil, pois conhecemos o "curriculum" profissional de cada um dos voluntários adultos. Nas tarefas pedagógicas e de técnica escotista, há que, na maioria dos casos, ministrar conhecimentos.

A TAREFA DE FORMAÇÃO NA AEP

Para atender a estas situações é necessário que a AEP esteja apta para exercer esta missão. Foi criada há alguns meses uma Equipa de Formação que, com muito entusiasmo e dedicação, tem efectuado cursos de formação básica escotista. Temos que apoiar essa equipa de escoteiros-chefes para que possa prosseguir o seu trabalho, mas há necessidade de estruturar duma forma mais descentralizada a formação. Há que criar uma Equipa de Formação a nível nacional responsável pelos processos adequados à formação de escoteiros-chefes e procurar que dela façam parte todos os que tenham capacidades de formação.

A formação básica deverá ser de responsabilidade das Regiões, embora os instrutores devam fazer parte da Equipa de Formação Nacional.

Conhecemos as nossas limitações actuais e sabemos que não temos elementos para formar essas equipas regionais. Mas temos que caminhar nesse sentido, dando cada vez mais atenção à preparação de formadores. Não é portanto um objectivo para ser alcançado a curto prazo e é necessário realizar muito trabalho até ser atingido. Temos que criar uma estratégia de formação dentro da AEP. Esta estratégia terá de ser concebida em atenção ao Plano de Acção, ao Programa de Expansão e às necessidades formativas existentes em cada uma das regiões.

Definida a estratégia há que criar um Programa de Formação. Este programa deverá ser um documento básico que orientará a execução de todas as actividades formativas. Deverá estabelecer directrizes, recomendações e prioridades para a montagem de cursos e seminários aos diferentes níveis.

Com este programa, estabelecido anualmente, podemos elaborar um calendário de cursos, constituir localmente as equipas de formação, definir a metodologia a usar e orçamentar as verbas necessárias à sua realização.

Estamos conscientes da importância de que se reveste o aspecto da FORMAÇÃO na AEP e isso vai-nos obrigar a uma reflexão conjunta a nível nacional e regional.

A EQUIPA DE FORMAÇÃO DESLOCOU-SE À MADEIRA E AÇORES

A Equipa de Formação dos Escoteiros de Portugal, depois de ter realizado no Continente diversos cursos de iniciação escotista, deslocou-se ao Funchal e a Ponta Delgada para promover idênticos programas. São orientadores dos cursos a E. C. Nacional adjunta prof. Maria João Vieira Pereira e o E. C. Gabriel Silva.

O Curso teve os seguintes temas principais:

- A Promessa e os seus valores. A Lei e as máximas.
- Escotismo: uma educação integral contra uma instrução artificial.
- O Escotismo e a educação para um mundo melhor.
- "Uma resposta, uma proposta".
- A Lei e o Compromisso de Honra.
- Instrução e educação.
- O educador escotista.
- O Lobitismo.
- O tema da Selva e o Lobitismo.
- O carácter ou o desenvolvimento da personalidade.
- O sentido dos outros ou o desenvolvimento social.
- A criatividade ou o desenvolvimento prático.
- O Escoteirismo.
- O Jogo Escotista.
- O Jogo Escotista completo.
- O Caminheirismo.
- A Interconfessionalidade.

O E. C. Nelson Vasconcelos, do Grupo 24 do Funchal, diz-nos que "através da brilhante ilustração e aplicação dada aos temas, pode-se afirmar, sem reserva alguma, que os objectivos a que este Curso se propunha foram totalmente conseguidos".

Uma introdução ao curso ilustrada com projecção de diapositivos, muito bem escolhidos e de uma extraordinária oportunidade, com um texto extremamente rico, lançaram o clima de reflexão, de espírito escotista e humanitário com que se iriam desenrolar aquelas horas do curso.

A apresentação calorosa – por parte dos monitores – dos temas, a discussão dos trabalhos de reflexão e os carinhosos e sempre oportunos comentários aos trabalhos produzidos, incutiram nesta acção de formação momentos inesquecíveis, experiências valorosas e respostas a variadíssimas questões.

Todo um desenrolar de acções valorizaram ainda mais os propósitos a atingir, como foram, a formação de grupos de trabalho, os trabalhos em grupo, sua discussão e análise, enfim, o decorrer do curso.

A introdução foi caracterizada pela recordação do nascimento – e de alguns dados biográficos – do nosso querido e sempre presente fundador – Baden-Powell – e no empenhamento deste na formação do Movimento Escotista.

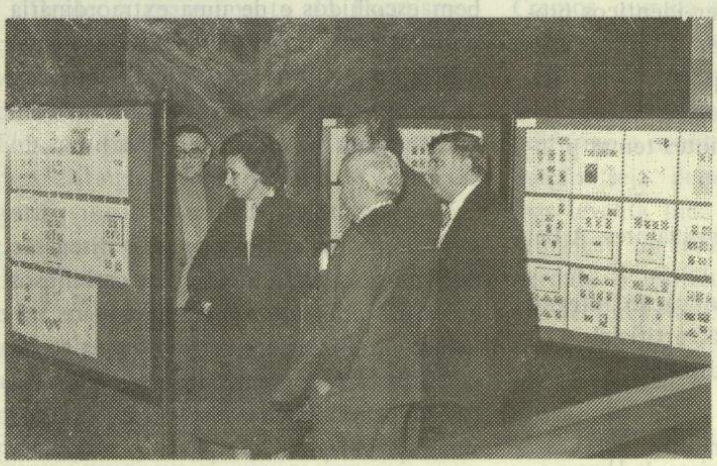
Ainda como introdução ao Curso – por meio de diapositivos e de um texto oportuno e bem conseguido – foi-nos dada uma imagem realista do andamento do mundo com análise às dificuldades actuais, problemas da juventude actual, onde foram tónicas as guerras, a miséria, a incompreensão, a educação deficiente, os movimentos juvenis sem ideal próprio, a fuga aos problemas que afligem a humanidade, entre outros.

Por fim, foi apresentada a forma de educar que o Escotismo propõe.

Na sequência do tema, surgiu a frase "Hoje educar é transformar o mundo", que foi complementada com uma outra: "Escotismo – forma sã de educar".

Os órgãos dirigentes dos Escoteiros de Portugal consideram prioritária toda a actividade de formação de escoteiros-chefes, pelo que a chefia nacional desenvolve uma acção que tem merecido o aplauso de todos os sectores. Os cursos agora realizados nas ilhas adjacentes, com muito boa frequência, deixaram a melhor impressão.

CONSTITUIU UM BRILH
A MOSTRA NACIONAL



A sra. dra. Manuela Eanes observou detidamente as colecções expostas.

A Mostra foi inaugurada na sexta-feira, dia 18 de Fevereiro, pela sra. dra. Maria Manuela Ramalho Eanes, que, convidada pela Associação dos Escoteiros de Portugal, gentil e prontamente acedeu à sua presença. Presentes, também, os srs. engos. António Jervis Pereira e Luís Vilar da administração da Mobil, Jorge Moura, director das Relações Públicas da mesma empresa; altos funcionários da Mobil, como os engos. Pereira Gens e Alberto de Freitas, directores da Aliança Nacional das ACM; eng. Amaral Fernandes, da Fed. Port. de Filatelia; dr. A. Silva Gama, do Clube Filatélico de Portugal; dr. Francisco Sousa Dias, comissário internacional do Corpo Nacional de Escutas, em representação do chefe nacional Manuel Velez da Costa; José Rafael Baudouin e Fernando Marinho, presidente e secretário da Fraternal dos Antigos Escoteiros; directores da AEP, dirigentes escutas e escoteiros, bem como a comissão organizadora constituída pelos srs. Fernando Gomes Carrão, Joel Ribeiro e Justino Oliveira e Silva.

A sra. dra. Manuela Eanes foi recebida à entrada por J. E. Pena Ribeiro, presidente da direcção da AEP; administração da Mobil, comissão organizadora e outros dirigentes, tendo observado depois detidamente os vários quadros, guiada pelo sr. Fernando Carrão, que lhe proporcionou esclarecimentos acerca das principais peças expostas. Mereceram particular atenção os célebres selos de Mafeking, exemplares raros, que fazem parte da colecção do apresentador. A Mostra constituiu uma excelente exposição em face da qualidade das peças apresentadas e do desenvolvimento do tema pelas principais colecções.

A ilustre visitante manifestou a sua satisfação pelo que lhe tinha sido dado observar e felicitou os organizadores. A administração da Mobil entregou depois à sra. dra. Manuela Eanes uma monografia sobre "A Evolução do Pegaso na História" e uma medalha de bronze comemorativa da inauguração do edifício da Mobil, lembranças da sua visita.

A terminar, a Mobil ofereceu a todos os convidados um agradável lanche.

OS EXPOSITORES

Participaram na Mostra os distintos filatelistas srs. Amândio Rodrigues da Cruz, de Trofa; Fernando Gomes Carrão, J. E. Pena Ribeiro e Justino Estêvão da Silva e Pedro Miguel da Silveira, de Lisboa; Fernando Coelho Amorim, do Porto; José Manuel Mendes Marques e Eugénia P. Mendes Marques, de Seia, e José Manuel Pereira, de Vila Real de Santo António.

O APOIO DA MOBIL

É de inteira justiça salientar o apoio recebido da Mobil, que foi inexcedível em



A sra. dra. Manuela Eanes foi acompanhada na sua visita pelo presidente da AEP, sr. J. E. Pena Ribeiro; e pelo presidente da Comissão Organizadora, sr. Fernando Carrão. Foto de Justino O. Silva

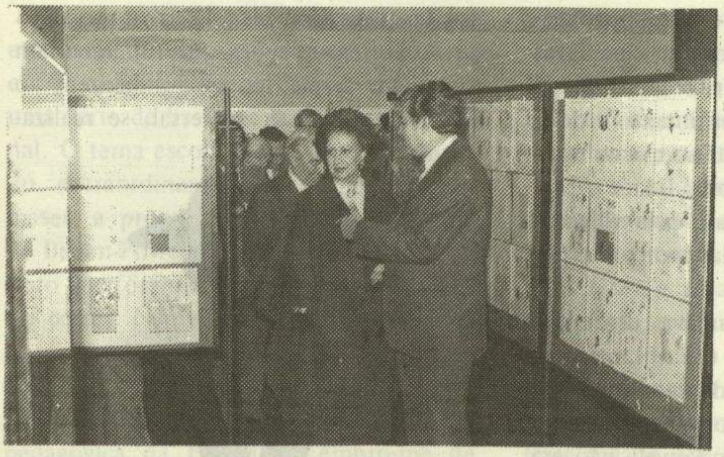
ANTE ACONTECIMENTO DO SELO ESCOTEIRO

facilidades para que a exposição tivesse êxito. Não se tratou apenas da cedência do excelente salão da sua sede na Rua Castilho, em Lisboa, – o que já seria importante – mas um empenho em colaborar para que tudo pudesse correr pelo melhor e sem dificuldades. Recebidos inicialmente pela sra. D. Maria Ernestina Rodrigues, das Relações Públicas, foi logo oferecida a melhor colaboração, que culminou com a cooperação de outros funcionários e o apoio da administração.

O espírito que presidia a esta atitude era referido num quadro exposto na sala e constava do catálogo da Mostra, que a própria Mobil quis editar, onde se lia:

A Mobil participa em actividades culturais e artísticas porque sente que é sua obrigação, como empresa que é parte de uma Comunidade, envolver-se activamente nas questões que contribuem para a qualidade da vida colectiva.

A mostra filatélica comemorativa do 75º Aniversário do Escotismo Mundial, apresentada ao público no Edifício Mobil, é uma nova oportunidade de concretizarmos esta afirmação. No espaço amplo do átrio deste edifício, por onde têm passado as mais diversas formas da actividade criadora, acolhemos com gosto uma iniciativa que se dirige àqueles a quem cabe a tarefa de construir o amanhã: – a juventude.



Um aspecto do acto inaugural. O sr. eng. Jervis Pereira, da Mobil, comenta a Mostra com a sra. dra. Manuela Eanes.



Outro aspecto da visita.

A Mobil demonstra assim um alto espírito cívico, que pode servir de exemplo a outras empresas com capacidade para acções semelhantes. De facto, todos não somos demais para realizar *a tarefa de construir o amanhã: – a juventude.*

O DIRECTOR DO FAOJ VISITOU A EXPOSIÇÃO

A Mostra foi muito visitada durante toda a semana. Na quinta-feira, também ali esteve o sr. dr. Emílio Pires, director do FAOJ, tendo sido recebido pelo Presidente da direcção nacional, pelo director do "Sempre Pronto", e pela sra. D. Maria Ernestina Rodrigues, das Relações Públicas da Mobil.

O sr. dr. Emílio Pires percorreu demoradamente os diversos expositores, tendo palavras de apreço para o trabalho realizado.

O ENCERRAMENTO

A Mostra foi encerrada no dia 26. Estiveram ali nessa ocasião os srs. Duarte Gil Mendonça, secretário-geral da AEP; Fernando Marinho, da direcção da Fraternal, e toda a comissão organizadora.

A Imprensa referiu-se frequentemente a este acontecimento, enquanto a Televisão esteve no acto inaugural, tendo concluído a sua boa reportagem no Telejornal de Domingo, dia 20.

NA MOSTRA DO SELO ESCOTEIRO

EVOCAÇÃO DE



O Dia do Pensamento, dia 22 de Fevereiro, foi dedicado à evocação do Fundador do Escotismo, cujo 126º aniversário se comemorava. Durante o dia, funcionou no local da Mostra um posto dos Correios, que após na correspondência apresentada um carimbo postal comemorativo. Muitas pessoas ali estiveram a adquirir o sobrescrito comemorativo para receber a marca postal.

Às 19 horas, um grupo de dirigentes escoteiros e caminheiros de vários grupos de Lisboa reuniu junto à vitrina com as obras de autoria de B.-P. e algumas biografias para recordar o Fundador. O director do departamento de divulgação e cultura da AEP fez, então, a seguinte palestra:

Prezados Companheiros:

Designaram-me para vos dirigir, hoje, Dia do Pensamento, algumas palavras sobre a figura do Fundador do Escotismo, Lorde Baden-Powell. Disciplinadamente, aqui estou, a desincumbir-me, o melhor que posso, da missão de que fui encarregado.

Porquê Dia do Pensamento? Para quem não esteja familiarizado com as coisas escotistas, é necessário esclarecer que o dia de hoje – o 22 de Fevereiro – é chamado Dia do Pensamento pelos escoteiros e guias de todo o mundo por ser o dia do aniversário de Baden-Powell e, curiosamente, também de sua esposa – "Lady" Baden-Powell – dia que é aproveitado pelos escoteiros e guias para repensarem, no seu decurso, os sentimentos de fraternidade que cada escoteiro ou cada guia deve cultivar em relação aos escoteiros e guias de todo o mundo. É, acima de tudo, um momento de meditação que inspire e revigore os ideais que a juventude encontra e vive no nosso Movimento.

Falar de Baden-Powell numa exposição de filatelia sugere logo um carácter que é comum ao Escotismo e à Filatelia: qualquer das duas actividades não conhece fronteiras, já que contam seguidores em toda a parte. O mundo é o seu palco.

O Escotismo é um movimento universal, por excelência. Curioso é notar, contudo, que o Escotismo foi concebido por Baden-Powell unicamente para a juventude britânica. De facto, neste Movimento reflecte-se sobremaneira o que é nitidamente o espírito inglês quer da sua maneira de ser, dos seus gostos, das suas tendências. Até na sua terminologia. Tanto assim é que, quando o Movimento, saltando a Mancha, apareceu na Europa, teve de sofrer uma verdadeira quarentena, para o despojar daqueles caracteres que o povo dessas nações não compreendia ou não falava particularmente ao seu temperamento. Isto é, teve de se fazer a adaptação do método powelliano à idiossincrasia de cada povo onde ele se ia radicando. Felizmente, a maior parte dos princípios em que o Escotismo se baseava e baseia são tão universais que essa adaptação não implicou numa desfiguração.

Destas palavras, pode depreender-se que a "fuga", chamemos-lhe assim, do Escotismo para o estrangeiro não estava dentro dos planos iniciais de Baden-Powell. O grande educadór não fora tão ambicioso. O que ele queria então era simplesmente oferecer aos jovens do seu povo um complexo de actividades que lhes devolvesse aqueles caracteres que ele tivera ensejo de admirar nos moços aborígenes de várias regiões onde os compromissos militares o tinham levado, caracteres que se revelavam no espírito de iniciativa, de aptidão prática, discernimento e decisão, no espírito comunitário e na alegria de viver, os quais as comodidades, proporcionadas, em alto grau, pela vida das sociedades ditas civilizadas, acabaram por delir quase por completo.

Baden-Powell, que amava profundamente a sua pátria, era, todavia, o espírito mais avesso que se pode imaginar àquele sentimento, que se convencionou chamar chauvinismo. Baden-Powell não era chauvinista, era um homem de espírito aberto, generoso. E uma oportunidade que ele não perdeu foi a de incutir nos jovens, fosse qual fosse o país a que pertencessem, o amor à pátria, cujas glórias, como sabemos, foi ele o primeiro a reconhecer e a proclamar.

Por exemplo, nós, Portugueses, fomos distinguidos, nos livros de Baden-Powell, por genuínas manifestações de apreço, quer pelo aprumo dos nossos escoteiros, quer pela admiração que ele não escondia pelas figuras da nossa Epopeia Marítima, a cujos méritos prestou homenagem sincera e vibrante, o que não é infelizmente vulgar nos estrangeiros que se ocupam das nossas coisas. A Ordem de Cristo, com que o governo português o agraciou, era das condecorações por que nutria mais apreço, exactamente, como confessava, porque também fora possuída pelo nosso Infante D. Henrique.

Pois a expansão, a internacionalização, no bom sentido, do Escotismo, se a princípio não estivera nos planos do Fundador, a sua verificação caiu-lhe como a sopa no mel. Dentro em pouco, uma nova dimensão era dada ao seu método educativo. Baden-Powell aproveitava-se dessa circunstância para meter ombros à tarefa de cavar os fundamentos do grande edifício que todos nós hoje conhecemos por Fraternidade Mundial, que é dos sentimentos mais vivos e que mais enriquecem o nosso Movimento.

Além disso, esse novo dado levaria o Fundador a conceber um sonho, algo quimérico, algo ingénuo. Pensava ele que, graças às relações de amizade viabilizadas pelas grandes reuniões internacionais escotistas, estabelecidas entre os jovens dos vários países, relações que funcionariam como um fermento, ao conduzirem ao bom entendimento universal, se realiza-



BADEN POWELL



ria um bem que nunca chegara a ser alcançado: a paz entre as nações.

Como sabemos, o projecto-sonho do nosso Fundador não foi infelizmente concretizado. Ou, melhor, da concretização desse plano, através da realização das grandes reuniões internacionais, não surgiram os frutos que Baden-Powell esperava. Logo a seguir, rebentava a Grande Guerra, o que, com a Guerra Mundial, iniciada quando a vida do grande educador se aproximava do ocaso, seria dolorosa decepção para Baden-Powell, deitando por terra o sonho amorosamente concebido.

Mas falemos agora também da nossa Mostra Filatélica. Para já, refiramos de novo que a vocação cosmopolita do Escotismo se revela igualmente com a Filatelia. Se é certo que há coleccionadores que limitam as suas colecções aos selos do país onde vivem, a verdade é que a Filatelia tende para abranger todos os países do mundo, quer seja temática, quer seja doutra natureza. O filatelista, mesmo atido aos selos da sua terra, não está com certeza imune às influências das emissões doutros países, que mais não seja para as criticar ou admirar.

Aqui, nesta Mostra, vemos nós selos escotistas de inúmeros países do mundo, entre os quais Portugal, por sinal com uma série de bastante bom gosto e original. O tema escotista tem sido enriquecido extraordinariamente nestes últimos meses, a propósito do 125º aniversário de Baden-Powell e do 75º do Escotismo, visto que foram emitidos selos em mais de 90 países. Não sei se é, ou não, um "record", mas uma manifestação de vitalidade, com certeza que é.

Como o Escotismo, é inegável a função pedagógica da Filatelia. Lembro-me de que, da minha adolescência, quando fui filatelista incipiente, ainda perduram alguns dos conhecimentos que adquiri através da observação dos selos. Conhecer um país, o seu povo, os seus símbolos, a sua história, as suas figuras proeminentes, é um passo decisivo para o estabelecimento da amizade e da compreensão entre homens de diferentes quadrantes. Baden-Powell não estava, por isso, neste aspecto, tão enganado como à primeira vista pode parecer.

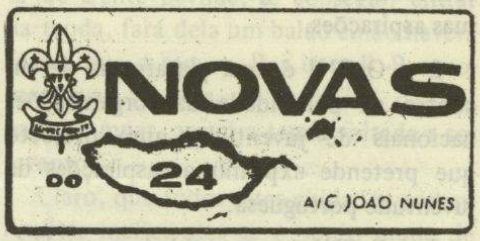
Escotismo e Filatelia tocam-se, por isso, em muitos pontos. São duas actividades com propósitos que se podem identificar, que se reúnem muitas vezes. Por esta Mostra pode concluir-se que o filatelista tem interesse em que, não só a sua pátria, mas todos os outros países se enriqueçam com as suas emissões, editando novas séries, tão belas quanto possível.

Os selos são as armas do filatelista. Nesta guerra pacífica, perdoe-se a contradição, está por completo fora de questão uma opção zero, visto que o desejo de cada filatelista é que cada país tenha e use destas armas de paz tantas quantas vezes lhe aprouver e da melhor maneira possível.

Outro aspecto de não menor relevância da actividade do filatelista é a preocupação de reunir. O filatelista junta. Junta os selos, as marcas, os blocos, os sobrescritos. Mas não o faz indiscriminadamente. Junta-os com ordem, com critério, com método, disciplinada e racionalmente. E, dessa reunião, tira conclusões e ensinamentos. Mais: não se limita a juntar os seus selos. Junta-se aos outros coleccionadores, colabora com eles, organiza exposições como esta e tenta preencher as lacunas da sua colecção ou das dos seus correlegionários graças a uma colaboração franca e amistosa. Que cousa maravilhosa que, num mundo onde tantos factores tendem a dividir os homens e as nações, haja quem tenha por escopo a preocupação de juntar, de reunir, de congraçar. Em suma: é oferecer a uma sociedade que ameaça desagregar-se algo que leve a tornar-se sólida e coesa. Não é esta, de facto, a lição mais despicienda que a filatelia oferece.

Que perdurem estes pensamentos de fraternidade que nos são sugeridos, quer pelo aniversário de Baden-Powell, quer por esta demonstração da actividade dos filatelistas, é de certo o melhor voto que podemos fazer neste Dia do Pensamento, dia de Baden-Powell que, numa das suas últimas mensagens aos jovens escoteiros os convidou a espalhar a fraternidade no mundo, fraternidade que também é com certeza acarinhada no mundo da filatelia.

Estou certo de que todos, Filatelistas e Escoteiros, me acompanharão neste sentimento, diante desta Mostra Filatélica, ou, melhor, na plena vivência deste verdadeiro Jambori dos Selos com que os nossos olhos estão sendo encantados. Que assim seja, são os votos que, com certeza, todos estamos fazendo.



ESCOTEIRO-CHEFE NACIONAL ESTEVE NA MADEIRA

No passado mês de Janeiro, tivemos a honrosa visita à Madeira do escoteiro-chefe nacional, eng. José Maria Nobre Santos.

Muito embora tenha sido particular, o carácter da sua visita, o escoteiro-chefe nacional reuniu com a chefia e direcção do "24" tendo oportunidade de apreciar os trabalhos do nosso grupo, nomeadamente os recantos de patrulha, todo o seu funcionamento interno e, ainda, o funcionamento dos serviços dependentes da chefia e direcção.

Convictos ficámos do seu agrado pelo nosso trabalho e pelo esforço que temos vindo a empreender, o que constitui uma fonte de força de vontade e de esperança, perspectivas e incentivo para o futuro.

O escoteiro-chefe nacional reuniu, ainda, com as chefias dos três grupos existentes no Funchal: 24, 92 e 101. Daqui pôde constatar o real andamento do escotismo na Região, do intercâmbio entre os mesmos e das dificuldades existentes.

Queremos sublinhar o nosso contentamento e agradecimento por tão honrosa visita, que constituiu um incentivo ao espírito escotista pelo seu exemplo de verdadeiro espírito escotista. – *Nelson Vasconcelos*

CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE

Acaba de ser constituído este Conselho, organismo que vai congregar os movimentos de juventude de uma maneira geral. O respectivo acordo de adesão foi subscrito pelas associações de jovens de carácter religioso, político e cultural, bem como pela Associação das Guias de Portugal, Corpo Nacional de Escutas e Associação dos Escoteiros de Portugal.

BASES GERAIS DA CONSTITUIÇÃO

1 – PREÂMBULO

1 – A institucionalização do CNJ é uma necessidade dos jovens portugueses como forma de ajudar à realização das suas aspirações.

2 – O CNJ é uma plataforma de encontro da pluralidade das organizações nacionais de juventude, num projecto que pretende exprimir as aspirações da juventude portuguesa.

3 – O CNJ é uma entidade apartidária e arreligiosa, que rejeita qualquer controlo ideológico, um carácter político na estreita medida em que intervirá na sociedade e junto dos poderes públicos fazendo a defesa global das aspirações juvenis.

4 – Através do desenvolvimento do associativismo juvenil, o CNJ constitui um projecto novo que visa a união e a afirmação dos jovens na sociedade, num espírito democrático e pluralista que consagre o direito à diferença.

5 – O CNJ considera que os jovens têm um papel importante na construção de um mundo justo, de paz, fraterno e à medida do homem.

6 – O CNJ declara aceitar os princípios consagrados na Convenção Europeia dos Direitos do Homem, dos Pactos Internacionais dos Direitos Civis e Políticos, e dos Direitos Económicos, Sociais da Acta Final da Conferência sobre Segurança e Cooperação Europeia de Helsínquia, nos termos em que o nosso país a eles se encontra vinculado.

1.1 – ÂMBITO

1 – O CNJ congrega um leque, o mais amplo possível, de organizações de juventude representativas dos vários sectores da vida juvenil, que tenham entre os seus objectivos o desenvolvimento sócio-cultural dos jovens e que se identifiquem com os valores da democracia.

2 – O CNJ é aberto a todas as organizações juvenis não impedindo a sua livre adesão, salvo por motivos taxativamente fixados nas normas estutárias e nestas bases gerais.

3 – Entende-se por *organização de juventude* aquela que é constituída ou integra maioritariamente jovens e que tenha representação juvenil nos vários níveis de decisão.

4 – Entende-se por *organização nacional* a que preencher no mínimo 4 (quatro) dos seguintes requisitos:

a) Área específica de actuação na qual a organização desempenhe um papel reconhecidamente relevante.

b) Implantação regional em pelo menos metade dos distritos.

c) Explicitação estatutária do seu carácter nacional.

d) Relações com organizações internacionais de juventude.

e) Número de inscritos superior a 1000 (mil).

5 – O CNJ é autónomo do poder político, pelo que permanecerá independente de qualquer organismo estatal.

6 – O CNJ não é uma superestrutura das organizações aderentes, o que pressupõe que estas mantêm o direito à independência e identidade próprias.

1.1.1 – OBJECTIVOS

O CNJ tem como objectivos fundamentais:

1 – Constituir um espaço de diálogo, intercâmbio de posições e de pontos de vista entre as organizações de juventude portuguesa.

2 – Dar corpo e voz às aspirações da juventude portuguesa, nomeadamente promovendo o debate e a discussão sobre problemas da juventude.

3 – Contribuir para o incentivo e desenvolvimento do associativismo juvenil.

4 – Assumir-se como interlocutor perante os poderes públicos e reinvindicar o direito de opinião e consulta sobre todos os assuntos que respeitem à juventude portuguesa em geral.

5 – Apoiar técnica e cientificamente as organizações aderentes.

6 – Assumir uma posição de diálogo e intercâmbio com organizações estrangeiras congéneres.

DA ILHA DA MADEIRA

MENSAGEM DOS PARTICIPANTES NO 1º CURSO DE INICIAÇÃO ESCOTISTA DO FUNCHAL

O nosso sonho e o nosso ideal é a fraternidade escotista entre todos os grupos especialmente os que estão aqui presentes (101; 24; 92) para que todos possam desfrutar dos ideais de Baden-Powell, saberemos ver as coisas de um modo natural e bom.

B.- P. passou uma vida feliz, porque é que nós, escoteiros como ele, não vivemos também uma vida escotista feliz?

Só unidos conseguiremos ultrapassar as barreiras que por vezes nos fazem parar e reflectir sobre actos praticados.

Unamo-nos para a paz, para a harmonia entre os grupos, porque só assim conseguiremos algo de concreto.

Que entre todos os grupos se pratique a Lei do Escoteiro para que haja um entendimento e se viva o verdadeiro escotismo.

Sejamos realistas, sejamos verdadeiramente escoteiros, partilhando os ideais que com tanto carinho e afecto foram criados pelo fundador para que nós os pudéssemos viver.

Não deitemos fora o que é tão produtivo e que nos foi dado com tanto carinho e amor.

Não deixemos que o escotismo se transforme num vazio, mas procuremos sim dar-lhe vida e vivê-lo.

Funchal, 23 de Janeiro de 1983

Participantes no C. I. E. do Funchal

Página do Escoteiro



CAMPISMO EM TODO O TEMPO

O VENTO — UM PERIGO A PREVENIR

Já verificámos que a chuva não é um grande inconveniente para o acampamento. O escoteiro bem preparado resolve facilmente o incómodo que esta lhe pode causar. Um inimigo muito maior é o vento. E exactamente porque pode apresentar-se com muita intensidade, torna-se um adversário que exige muita técnica para que o acampamento não seja destruído.

Aconselha B.-P.: "ao escolher o local, procurai sempre ver como ele se tornará com tempo muito chuvoso ou ventoso". Portanto, o Fundador recomenda que o local de acampamento seja escolhido numa visão antecipada de uma possível intempérie. O local deve ser abrigado, junto de uma pequena barreira, sebe, rochas, árvores, porque o vento ao embater nestas "paredes" se eleva e vai baixar um pouco mais adiante, ficando a tenda numa zona de relativa calma a sotavento. Mas também aqui é necessário um certo equilíbrio. A tenda não se deve aproximar demasiadamente destes acidentes porque, em caso de trovoada, as árvores, as sebes, as agulhas rochosas constituem polos de atracção dos raios.



Se armastes bem a tenda, bem podeis rir-vos da chuva.

Mas as precauções a tomar não se limitam à escolha do terreno. É preciso armar a tenda segundo normas importantes. Se o acampamento é instalado com vista a obter um certo efeito estético, pode acontecer que não esteja preparado para resistir ao vento, se este surgir. O próprio tipo



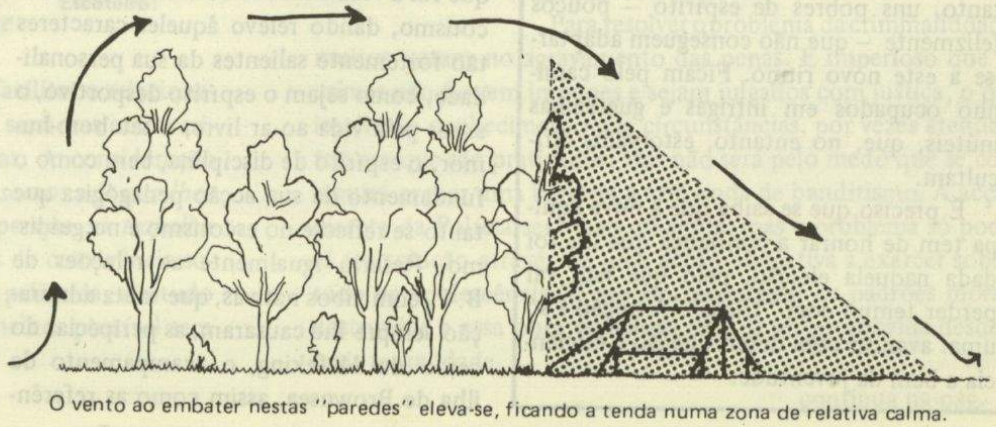
A tenda de "cume" ou de "paredes" é um dos modelos preferidos pelos exploradores em muitas partes do mundo.

de tenda não é indiferente, pelo que a prevenção deve começar no momento da sua aquisição.

Uma boa tenda não deve oferecer demasiada resistência ao vento para que se não transforme numa vela e, então, não haverá maneira de a segurar se a ventania for forte. Recomendam-se as cónicas; as pequenas tendas de lagarto; em forma de pirâmide; canadianas com abside e canadianas comuns. Portanto, ao adquirir uma tenda, há que optar pelo modelo mais resistente em caso de ventania, que melhor sirva os nossos objectivos.

Ao armar a tenda, é imperioso pensar na sua orientação. Já sabemos que o maior perigo do vento advém se este chocar com a maior superfície da tenda. É preferível que o vento venha embater de perfil, de revés, para que facilmente se escoe pelas partes laterais. Evitar-se-á que o vento bata de frente porque, se conseguir entrar na tenda, fará dela um balão e não haverá forças que a segure. Por isso, B.-P. recomendava: "depois de escolhido o local para acampar, armai a tenda voltada a sotavento".

Claro, que todos estes cuidados podem resultar ineficientes se o vento muda de direcção, o que acontece frequentemente no campo. Convém, pois, dar muita atenção ao uso das estacas e esticadores. As estacas devem ser escolhidas tendo em conta a natureza do terreno. Os esticadores devem ser reforçados, tendo o cuidado de não aumentar o seu número, nem montar outras resistências. Os esticadores devem corresponder à estrutura da tenda para que a tensão se exerça no local próprio, o que evitará que os panos se rasguem. A força do vento é incalculável, mas, com estes cuidados, o escoteiro enfrentará sem dificuldade uma ventania normal, que não atinja velocidade de furacão.



O vento ao embater nestas "paredes" eleva-se, ficando a tenda numa zona de relativa calma.

O CORPO NACIONAL DE ESCUTAS FOI AGRACIADO COM A MEDALHA DE BONS SERVIÇOS DESPORTIVOS

O *Diário da República* publicou, no dia 11 de Janeiro corrente, um despacho do Ministro de Estado e da Qualidade de Vida que atribuiu ao Corpo Nacional de Escutas a medalha de bons serviços desportivos.

A concessão desta distinção fundamenta-se nos relevantes serviços prestados por esta associação escotista na motivação dos jovens para a prática de diversas modalidades desportivas, tendentes ao desenvolvimento integral das suas actividades humanas e cívicas, incutindo-lhes dotes de carácter, lealdade, disciplina e espírito de servir.

Segundo se diz no referido despacho, esta distinção, também contempla o facto de o CNE comemorar o seu 60º aniversário.

DE MÊS PARA MÊS



SÓ HÁ UMA OPÇÃO!

Quando na última Conferência de Dirigentes foi eleita uma nova equipa dirigente, os chefes escoteiros fizeram uma opção muito clara: escolheram a acção, votaram no desenvolvimento.

A equipa eleita não abdica da responsabilidade que assumiu. Impõe-se a expansão do Escotismo em Portugal e nesse sentido e com êxito se está trabalhando intensivamente.

O mais consolador é que o Movimento corresponde a este impulso e por todo o país se sente uma nova aragem. Os grupos trabalham e até já se fardam. Há, no entanto, uns pobres de espírito – poucos felizmente – que não conseguem adaptar-se a este novo ritmo. Ficam pelo caminho ocupados em intrigas e guerrinhas inúteis, que, no entanto, estorvam, dificultam.

É preciso que se saiba que a nova equipa tem de honrar a confiança que lhe foi dada naquela eleição, pelo que não vai perder tempo com "tricas". A opção é só uma: avançar com determinação e eficiência a bem da juventude.

EFEMÉRIDES

MARÇO

Dia 11 – 33º aniversário da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

Dias 17/19 – 24º aniversário da visita do general Daniel Spry, director da Secretaria Mundial.

Dia 25 – 50º aniv. do Grupo 15 - Porto

ESCOTISMO NA CAPITAL

GRUPO Nº 94

UMA SESSÃO COMEMORATIVA DO DIA DO PENSAMENTO

No dia 22 de Fevereiro, Dia do Pensamento, esta unidade escotista de Lisboa levou a efeito uma sessão de convívio entre os seus actuais e antigos escoteiros e pais dos escoteiros, assim como amigos deste Grupo. Entre a assistência, viam-se antigos escoteiros e muitos jovens, o que é uma garantia do futuro do 94. Estava também presente, o EC Ferreira Martins, antigo dirigente do Grupo 40, de Setúbal, e o sr. José Afonso, antigo escoteiro do Grupo 85, actualmente secretário da Junta de Freguesia da Ajuda, em representação do seu presidente.

O escoteiro-chefe deste Grupo, arquitecto Rui Horácio Filipe Macedo, deu início à reunião, dando as boas-vindas aos presentes e explicando as finalidades da reunião, após o que a fanfarra do Grupo, sob a direcção do EC Manuel Tacão Monteiro, interpretou duas marchas e um malhão, que o auditório ouviu com agrado.

A seguir, o dirigente deste Grupo e nosso companheiro Armando Garcia Inácio proferiu uma palestra em que descreveu a personalidade do fundador do Escotismo, Lorde Baden-Powell, cujo aniversário passava nesse dia. Começando por afirmar que é agradável falar de Baden-Powell, Armando Inácio referiu, em palavras simples, mas que prendiam a assistência, o que foi a vida e a obra do fundador do Escotismo, dando relevo àqueles caracteres tão fortemente salientes da sua personalidade, como sejam o espírito desportivo, o amor pela vida ao ar livre, o seu bom-humor, o espírito de disciplina, bem como o fundamento da sua acção pedagógica que tanto se reflecte no escotismo e no guidismo. Referiu igualmente as relações de B.-P. com tibos nativas, que tanta admiração sempre lhe causaram, as peripécias do cerco de Mafeking, o acampamento da ilha de Brownsea, assim como as referências aos portugueses que ele fez em vários dos seus livros.

Foi uma boa lição sobre B.-P. que a assistência escutou com proveito, em especial a última mensagem do fundador.

Depois doutras interpretações da fanfarra do 94, deu-se início à parte solene do programa, com a promessa de lobito, feita pela Sandra Cristina, filha do escoteiro-chefe do Grupo, Rui Macedo, e neta do nosso companheiro e colaborador Capitolino Ferreira Macedo. Após o Grande Uivo, dirigido pelo Aquelá, a nova lobita fez a promessa, com alguma dificuldade, que a sua pouca idade e emoção desculparam.

A seguir, o Rui Pedro da Conceição Ferrão, fez a sua passagem de lobito a escoteiro, prestando o compromisso de honra.

Estavam também presentes o escoteiro-chefe regional Miguel Martins, os antigos escoteiros do 94 Mariano Garcia e Miguel Parente, bem como o nosso director adjunto, que representava a direcção da AEP:

Depois de entoada a marcha do 94 e o Hino Nacional, usou da palavra o EC Ferreira Martins que apelou para as qualidades de disciplina que os jovens devem demonstrar, como meio de se conseguir uma contribuição efectiva para o progresso social.

A agradável reunião foi encerrada com uma oração por este antigo chefe escotista.

J. GUÉRIN – DESJARDINS

Chega-nos a notícia de ter falecido em França o antigo e notável dirigente escoteiro J. Guérin – Desjardins, o *Cerf Agile*, durante vários anos comissário nacional dos Eclaireurs Unionistes de France.

Cerf Agile era um dos mais antigos escoteiros franceses. Em 1913, já participava como guia de patrulha na delegação francesa ao primeiro acampamento internacional realizado em Birmingham, Inglaterra. Mais tarde, assumiu durante muitos anos o referido cargo de comissário nacional e, de 1920 a 1937, foi o intérprete de B.-P. em todas as conferências internacionais de Escotismo.

No próximo número, teremos ocasião de inserir um interessante artigo que Desjardins publicou acerca de B.-P. e, se tivermos notícias mais completas, procuraremos transmiti-las.